

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS

CURSO DE JORNALISMO

THÁBATA BAUER LIMA

**Relatório para elaboração do livro-reportagem “Vielas do  
Paraíso”**

SÃO PAULO

2º SEMESTRE DE 2021

THÁBATA BAUER LIMA

**Report for the preparation of the book-report “Vielas do  
Paraíso”**

**Relatório para elaboração do livro-reportagem “Vielas do  
Paraíso”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Cristine Paiero

SÃO PAULO  
2º SEMESTRE DE 2021

Este trabalho de conclusão de curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de sua autora.

## ACESSO AO PRODUTO ON-LINE



**Livro on-line**

[https://issuu.com/thabatabauer/docs/vielas do para so](https://issuu.com/thabatabauer/docs/vielas_do_para_so)

Data de upload:

23/11/2021

## **AGRADECIMENTOS**

Realizar este Trabalho de Conclusão de Curso só foi possível graças à orientação da professora Denise Paiero, que me aconselhou e, principalmente, tranquilizou durante todo o processo. O acompanhamento nos últimos meses só fez com que eu a admirasse ainda mais como pessoa e profissional.

Agradeço imensamente aos meus pais, que sempre me apoiaram, elogiaram, confiaram em minha capacidade quando eu mesma duvidei e me proporcionaram a melhor educação possível. Graças ao esforço deles, pude realizar diversos sonhos e adquirir grandes aspirações na vida. Muito obrigada também à minha avó Rute, que, de onde estiver, sei que está orgulhosa e torcendo por mim como sempre fez.

Um agradecimento especial às minhas amigas que tanto me aconselharam, acalmaram e incentivaram, especialmente a “Penelope Featherington” da minha “Eloise Bridgerton”, Maria Amaro, minha primeira melhor amiga da faculdade, Geovana Sá, e a “parceira de perfeccionismo”, Renata Catrinacho. Elas me auxiliaram, elogiaram, deram importantes toques durante a escrita e não hesitaram em falar que, às vezes, não tem problema tirar um tempo para descansar.

Agradeço às mulheres que conversaram comigo durante meses e permitiram que esse assunto tão importante fosse discutido por meio de suas histórias. Serei eternamente grata pela confiança e oportunidade de aprendizado. Muito obrigada também às psicólogas Carolina Luz de Souza e Carla Sabrina Paulo, que doaram um pouco de seu tempo para explicar algumas questões psicológicas abordadas durante a peça.

Sou grata às profissionais competentes que contribuíram para a finalização do livro: a revisora Larissa Zanelatto e a ilustradora e diagramadora Luiza Pelorca. O trabalho de vocês é incrível e foi primordial para a realização deste TCC.

Por fim, obrigada a todos os professores que passaram pela minha vida e tanto agregaram à minha formação pessoal e profissional. Vocês me inspiraram, aconselharam, ensinaram e apresentaram novos caminhos e possibilidades.

## RESUMO

O presente relatório embasa o livro-reportagem *Vielas do Paraíso*. As informações apresentadas estão de acordo com a leitura de material sobre o tema maternidade compulsória, em que se destacam os livros *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, *Mães Arrependidas: uma outra visão da maternidade* e *Contra os filhos: uma diatribe*, das autoras Elisabeth Badinter, Orna Donath e Lina Meruane, respectivamente. Como base para a confecção de um livro-reportagem em linguagem literária, também foram lidos livros com informações e dicas para a realização desse trabalho. *Vielas do Paraíso* aborda dois perfis diretamente atingidos pela noção de maternidade ideal imposta pela sociedade: mulheres que se arrependeram de terem se tornado mães e mulheres que não desejam ter filhos. Em ambos os casos, o objetivo foi contar as histórias abordando acontecimentos marcantes de seu passado e presente, assim como traçar um panorama geral do que esperam do futuro. Por meio das falas de especialistas, também é possível compreender melhor as questões psicológicas abordadas pelas entrevistadas, como baby blues, depressão pós-parto e psicose pós-parto.

Palavras-chave: Maternidade; Maternidade Compulsória; Jornalismo; Livro-Reportagem

## ABSTRACT

This report is the basis for the book-report *Vielas do Paraíso*. The information obtained is in accordance with the reading of material on the subject of compulsory maternity, in which the books *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, *Mães Arrepentidas: uma outra visão da maternidade* and *Contra os filhos: uma diatribe*, by the authors Elisabeth Badinter, Orna Donath and Lina Meruane, respectively. As a basis for making a book-report in literary language, books were also read with information and tips for carrying out this work. *Vielas do Paraíso* addresses two profiles directly affected by the notion of ideal motherhood imposed by society: women who regretted becoming mothers and women who do not wish to have children. In both cases, the objective was to tell the stories, covering important events of the past and present, as well as to draw an overview of what to provide for the future. Through the speeches of experts, it is also possible to better understand the psychological issues addressed by the interviewees, such as baby blues, postpartum depression and postpartum psychosis.

Keywords: Maternity; Compulsory Maternity; Journalism; Book-Report

## SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	8
1.	REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
	1.1. Maternidade Compulsória.....	11
	1.2. Livro-reportagem.....	13
	1.3. Jornalismo Literário.....	14
	1.4. Jornalismo Humanizado.....	15
2.	DESENVOLVIMENTO DA PEÇA.....	17
	2.1. Pré-produção.....	17
	2.2. Produção.....	17
	2.3. Pós-produção.....	19
3.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
	REFERÊNCIAS.....	24
	APÊNDICES.....	26



## INTRODUÇÃO

Este projeto embasa a realização de um livro-reportagem sobre maternidade compulsória, que diz respeito às diversas pressões sociais sofridas pelas mulheres antes e durante o exercício da maternidade.

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p. 9). A interpretação dessa frase passa por muitas questões relativas ao universo feminino, as quais, inevitavelmente, transitam pela construção do “instinto materno”.

Ainda nos primeiros anos de vida, as meninas são coagidas a desenvolver a capacidade de cuidar do outro. Segundo Santos (2017, web), logo ganham suas primeiras bonecas, e todos ao redor as chamam de “mãe” do brinquedo. Com o tempo, cada vez mais, essas garotas assistem a filmes, séries e novelas, em que o final feliz sempre envolve um casamento e uma gravidez.

De acordo com Koshiyama (2017), a ideia de que mulheres pudessem decidir sobre suas próprias vidas em sociedade não era um costume ainda nas primeiras décadas do século passado. A elas estavam reservadas as funções de dona de casa, mãe e esposa. É desse modo que se mantém a concepção de que, à mulher, destina-se o ambiente privado, enquanto, ao homem, reserva-se o espaço público.

A partir dos conceitos apresentados, a pergunta-problema que norteou este projeto foi: por meio de uma apuração detalhada com diferentes perfis de mulheres, como desmitificar a imagem idealizada da maternidade, tornar evidente a questão do arrependimento materno e conscientizar as pessoas sobre a necessidade da liberdade de escolha em relação a ser ou não mãe?

Para responder à pergunta-problema, foram traçados os seguintes objetivos principais: realizar um livro-reportagem que apresente a imagem idealizada da maternidade como uma construção social; demonstrar como as pressões relacionadas ao ideal de maternidade geram sofrimento às mães insatisfeitas e/ou arrependidas e denunciar a opressão sofrida pelas mulheres que não desejam ter filhos e buscam alternativas para isso, como a laqueadura tubária.

Por sua vez, os objetivos secundários foram estudar características de livro-reportagem e linguagem literária no jornalismo; estudar as diferentes visões e a

construção histórico-social acerca da maternidade; compreender leis e estatísticas referentes aos métodos contraceptivos e ao aborto no Brasil e reunir histórias de mulheres de diferentes perfis que sofram com a idealização da maternidade.

O “instinto materno” é uma das principais idealizações. De acordo com Badinter (1985), ele não é inato e não contempla a todas as mulheres. Para provar essa questão, a autora dá um exemplo prático sobre o luto por um filho em épocas distintas. Em tempos mais recentes, o dia em que uma mulher perde seu filho para a morte fica registrado para sempre como o de uma perda irreparável.

Lebrun (apud BADINTER, 1985) explica que, outrora para a família, a morte da criança era vista apenas como um infortúnio reparável por um nascimento posterior. Nos anais domésticos do século XVIII, o falecimento da prole aparece sem mais comentários ou com apenas algumas fórmulas piedosas, mais inspiradas pela religião do que pelo sofrimento em si. “A ausência aparente de sofrimento pela perda de um filho não é apanágio dos pais. As mães têm reações idênticas” (p.60).

No século XX, Badinter (1985) chama atenção para a desigualdade de tratamento entre os filhos de acordo com o sexo e o lugar ocupado na organização familiar, tornando contraditória a noção de “instinto materno”. Afinal, se o amor é espontâneo, como poderia ser mais intenso em relação a um filho do que outro?

Caso os pais tivessem algo para deixar após a morte, desde uma propriedade no campo até a coroa da França, o primogênito era “objeto de uma solicitude exemplar” (p. 62). Vale ressaltar também que, nesse contexto, as filhas não dispunham de nenhuma cumplicidade especial aproximando-as da mãe, que também guardava seus tesouros de ternura e orgulho para o filho mais velho.

A mãe conservava o herdeiro junto de si durante a primeira infância, amamentando-o e cuidando-o pessoalmente. Quanto aos demais filhos, não hesitava em enviá-los para a casa de uma ama, com quem ficavam por longos anos. A preferência materna surge da necessidade de precaução, uma vez que, se o marido morresse, a mulher da casa dependeria exclusivamente do primogênito.

Nesse sentido, quanto à noção de “instinto materno” e suas contrariedades, segundo Meruane (2018), carregar os descendentes no ventre não significa necessariamente que a pessoa se comprometerá com a proteção e as

responsabilidades exigidas na relação mãe-filho. Além disso, não é certa que, quando a mãe biológica não consegue assumir esse trabalho, outras mulheres as substituirão no lugar de um homem.

No entanto, a ideia de que toda mulher deve se tornar mãe revela grande poder sobre questões públicas. Alguns exemplos são a burocracia para o procedimento de laqueadura pelo SUS (Sistema Único de Saúde) – ter mais de 25 anos ou pelo menos dois filhos vivos – e a polêmica em torno do aborto. Vale ressaltar que, apesar deste ser considerado crime, 1 milhão de interrupções voluntárias de gravidez ocorrem todos os anos no Brasil (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018).

Dados como os anteriores são essenciais para a correção de injustiças que afetam a vida de mulheres diariamente. Segundo Traquina (2004), os jornalistas lidam com todos os aspectos e acontecimentos consequentes da vida humana e suas relações, o que inclui apurar informações sobre a maternidade.

Nesse sentido, o livro-reportagem foi a peça jornalística escolhida para abordar o tema justamente por permitir trabalhá-lo com maior profundidade, como sugere Lima (2009). Há espaço suficiente para focar em detalhes que contribuem para a ambientação, assim como sentimentos e pensamentos que ajudam o leitor no desenvolvimento da empatia necessária à compreensão do assunto.

Ainda de acordo com Lima (2009), o trabalho de edição da peça permite optar por recursos frequentemente utilizados em grande reportagem, como ilustrações. Em *Vielas do Paraíso*, elas foram primordiais para a estética do produto, pois não foi possível incluir fotos das entrevistadas com o intuito de preservar suas identidades.

Segundo Pena (2017), ao escolher um tema, o jornalista deve pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão e, conseqüentemente, para o bem da sociedade. Pensando nisso, a linguagem jornalística escolhida para *Vielas do Paraíso* foi a literária, em especial pela possibilidade de abordar os fatos com um cuidado especial que nem sempre está presente na linguagem objetiva.

Ainda de acordo com Pena (2017), o jornalismo literário permite romper com a estrutura tradicional do *lead*, responsável por conferir objetividade à imprensa. Para a socióloga Gaye Tuchman (apud PENA, 2017), a linguagem objetiva é um ritual de

autoproteção dos jornalistas. No entanto, ela pode causar a pasteurização dos textos, tornando-os desprovidos de criatividade, elegância e estilo.

Em *Vielas do Paraíso*, a linguagem literária tem como função auxiliar o trabalho jornalístico de reformulação das problemáticas que rondam a maternidade compulsória. Nesse sentido, como defende James Mills, importante filósofo do início do século XIX (apud TRAQUINA, 2004), é imprescindível a liberdade de imprensa, que atua como instrumento de reforma da sociedade, inclusive como principal ferramenta para obrigar o governo a efetuar mudanças visando a equidade.

Para a realização deste trabalho, a metodologia teórica incluiu os livros *Contra os Filhos* (2018), de Lina Meruane, e *Mães Arrependidas* (2017), de Orna Donath.

Para compreender a construção de um livro-reportagem, foram lidos os livros *Livro-reportagem* (2017), de Eduardo Belo, e *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (2009), de Edvaldo Pereira Lima.

Visando entender a linguagem literária no jornalismo, foram consultados os livros *Jornalismo Literário* (2017), de Felipe Pena, e *Jornalismo Literário e as Narrativas dos Dramas Reais* (2018), por Mirian Magalhães e Nathália Pimenta.

Para compreender as questões psicológicas mencionadas no livro, foram entrevistadas Carolina de Souza, mestre em Psicologia Clínica, que já realizou grupos psicoeducativos e terapêuticos, atuando na Saúde Pública desde 2009, e Carla Paulo, psicóloga perinatal ativista em prol da saúde psicológica de mães e mulheres.

## 1. REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1. MATERNIDADE COMPULSÓRIA

Donath (2017) explica que a “linguagem neoliberal, capitalista, pós-feminista” (p. 23) atual fez com que muitas pessoas acreditassem que, por disporem de mais opções em relação à maternidade, o fato de tantas mulheres ainda se tornarem mães demonstra que todas seguiram esse caminho por livre e espontânea vontade.

Ainda segundo ela, mesmo com as notáveis conquistas femininas, ainda se espera que as mulheres se tornem mães. Segundo Meruane (2018), a cada progresso em relação às questões de gênero, se seguiu um retrocesso, o “contragolpe social”, que, atualmente, “agita os pés entre fraldas e berra sem descanso junto a nós” (p. 9).

Dessa forma, é esperado que a sociedade encontre modos de controlar os corpos femininos. De acordo com Donath (2017), as escritoras feministas detectaram algumas dessas “armas”, as quais transitam pela desigualdade e controle social. Assim, nem sempre é possível saber se a maternidade é fruto de uma escolha consciente ou algo que “simplesmente” acontece na trajetória de uma mulher.

Algumas dessas pressões estão presentes desde a infância. A escritora chilena Diamela Eltit (MERUANE, 2018) afirma que dar bonecas de presente a uma menina é como inseri-la no contexto materno. Nesse caso, para Donath (2017), a imagem é internalizada, resultando numa “decisão passiva”, em que as mulheres deixam-se levar pela corrente e não refletem realmente sobre as consequências de ter filhos.

Muitas mulheres são coagidas pelo cônjuge a engravidar, normalmente sob ameaça de divórcio e outras intimidações. Com base nisso, a autora também afirma que, constantemente, religião, Estado e grupos reacionários da sociedade utilizam sua influência para persuadir mulheres a aderirem à maternidade, sob o velho discurso de que não ter filhos é uma decisão “egoísta”, como afirmou, em 2015, o Papa Francisco.

A manipulação dos desejos da mulher está relacionada ao ideal de “instinto materno”. Badinter (1985) observa que as mulheres exercem a maternidade de maneiras diferentes. São cada vez mais numerosas as que evitam as tarefas domésticas e maternas, recusando-se às limitações do ambiente interno.

A filósofa também explica que ser mãe não é sempre a principal preocupação de uma mulher, que não necessariamente coloca os interesses do filho acima dos seus. Assim, percebe-se que não há padrões de comportamento suficientes para que se possa falar de qualquer tipo de “código” materno.

Para Donath (2017), as diferentes posturas em relação à maternidade estão ligadas às condições socioeconômicas individuais. Afinal, apesar da não-identificação com esse papel manifestar-se em mulheres de diferentes classes sociais, viver de acordo com tal desejo parece ser um privilégio dos grupos econômicos dominantes.

Em outras palavras, segundo Badinter (1985), a escolha de não ter filhos ou de não se dedicar integralmente a eles é quase sempre um privilégio de quem frequentou a universidade e, geralmente, se satisfaz mais com a vida profissional.

A autora também esclarece que a instrução formal feminina é inevitável. Se preciso, as mulheres serão cada vez mais rotuladas como “desnaturadas”, à medida que alcançam conhecimento e igualdade em relação aos seus companheiros.

Como explicado anteriormente, fornecer conhecimento é também uma responsabilidade da imprensa. Quanto a isso, a mídia tem produzido matérias que abordam a maternidade de uma maneira franca. Um exemplo é o portal *Universa UOL*, o qual, próximo ao Dia das Mães de 2021, fez uma reportagem com a atriz Karla Tenório, uma das personagens de *Vielas do Paraíso*, que atua e assina a produção de uma peça com elementos autobiográficos intitulada *Mãe Arrependida*.

O texto fala sobre seu arrependimento desde o nascimento da filha e o trabalho para acolher quem se identifica com essa jornada. Mesmo consciente das críticas que viriam, o site não deixou de publicar a entrevista em pleno Dia das Mães, época em que conteúdos que retratam o amor materno de forma idealizada são predominantes.

Além do *UOL*, outros veículos abordaram a questão do arrependimento materno este ano, como a *Revista Máxima (E quando não se gosta de ser mãe?)* e o *Portal G1 (“Amo meu filho, mas odeio ser mãe”, confira relatos de mulheres que têm aversão à maternidade)*, demonstrando a importância da pauta.

## 1.2. LIVRO-REPORTAGEM

Segundo Belo (2017), o livro-reportagem tem como pré-requisito a exatidão. Assim, de acordo com Lima (2009), entende-se por real uma ocorrência social já definida ou uma ideia vigente na sociedade, a qual reflete um fenômeno e não necessariamente representa um acontecimento central.

De acordo com Couto (2017), o livro-reportagem deve denunciar, explicar e orientar. Além disso, segundo Lima (2009), não apresenta periodicidade e trabalha o conceito de atualidade com maior flexibilidade em comparação aos veículos diários.

Ainda segundo o autor, a imprensa diária está sempre com pressa, preocupada em publicar um “furo” antes dos outros. Desse modo, divulga, em muitas ocasiões, informações imprecisas e incompletas. Assim, a busca do leitor pelo livro-reportagem é motivada justamente pelo desejo de aprofundar-se nos assuntos.

Segundo Belo (2017), uma reportagem pode ser descritiva, ao se limitar a narrar os acontecimentos, ou optar pelo caminho da análise, quando o escritor agrega

dados e informações paralelos ao texto. Nesse caso, a informação é contextualizada, enriquecida com interpretações do próprio autor ou de outras fontes consultadas. Com base nisso, busquei construir *Vielas do Paraíso* não apenas com perfis, mas também com material obtido em entrevistas com psicólogas especialistas em maternidade.

De acordo com Belo (2017), é importante que o jornalismo interpretativo seja o mais imparcial possível. O jornalista não deve emitir opiniões, mas sim “formar opinião sem opinar diretamente” (n.p), garantindo que o leitor tenha dados suficientes para chegar a conclusões plausíveis. Para Lima (2009), essa modalidade busca trazer diferentes pontos de vista, à procura de uma variedade de causas e consequências.

Por conta dos aspectos apresentados, segundo Couto (2017), aderem ao livro-reportagem os jornalistas que não desejam ficar reféns da linguagem e formato pré-estabelecidos pela mídia tradicional. Geralmente, por meio do produto, esses profissionais também adquirem maior visibilidade na área da comunicação.

Segundo Lima (2009), a peça é uma saída para o repórter que deseja utilizar todo o seu potencial de construtor de narrativas reais. Nesse sentido, Couto (2017) afirma que executá-la demanda afinidade do autor com o tema, lembrando-se sempre que, de acordo com Belo (2017), a principal relação entre jornalismo e literatura está no fato de que o jornalista é, antes de tudo, um profissional que escreve.

### 1.3. JORNALISMO LITERÁRIO

Segundo Pena (2017), jornalismo literário é o “cruzamento da narrativa romanesca com a narrativa jornalística” (n.p). Apesar do emprego das técnicas literárias, mantém-se o foco na realidade, interpretando os acontecimentos a partir da reconstrução da história cena a cena, da apresentação de múltiplos pontos de vista, do registro de diálogos completos, hábitos, gestos e outras particularidades.

Para Magalhães e Pimenta (2018), essa modalidade possibilita o pleno envolvimento do leitor com a história. Mas, de acordo com Pena (2017), não basta apenas aplicar os recursos literários ao texto. Antes disso, é preciso entrevistar e apurar com o máximo de profundidade possível.

O autor ainda afirma que o fator desencadeador do jornalismo literário, também conhecido como “Novo Jornalismo”, é a insatisfação de muitos profissionais com o

*lead*, uma “prisão narrativa”, na qual o repórter deve sempre começar a matéria respondendo às perguntas básicas do leitor.

Silva (2005) explica que o grande problema do jornalismo contemporâneo é seu ideal de expressão envolvendo o máximo de conteúdo possível em um espaço mínimo. Quanto a isso, nos últimos tempos, a internet proporcionou novos formatos, como a narrativa transmídia, que aposta em interatividade e diversas opções de caminho para o leitor. Outro exemplo muito presente no cotidiano são os portais de notícias, os quais costumam publicar a informação principal de maneira tradicional, para que o leitor tenha rápido acesso aos fatos urgentes, mas adicionam links e outros recursos ao final do texto, permitindo mais dinamismo e enriquecimento às matérias.

Segundo Magalhães e Pimenta (2018), as ferramentas literárias são muito eficazes na abordagem de casos de grande comoção popular. As autoras explicam que os recursos de narração e descrição permitem apresentar detalhes que, na fórmula da pirâmide invertida, seriam descartados. Nesse contexto, frisam a importância de sempre demonstrar cautela com os envolvidos no fato e com o leitor.

Para Medel (2005), apesar de jornalismo e literatura seguirem cursos paralelos, compartilham alguns territórios. Scliar (2005) afirma que a literatura ensina o jornalismo a cuidar da forma. Contudo, de acordo com Pena (2017), é importante que o repórter não ignore alguns princípios da reportagem diária, como apuração rigorosa, observação atenta, abordagem ética, capacidade de se expressar claramente etc.

Quanto aos detalhes, Silva (2005) diz que, ao mesmo tempo que as palavras pronunciadas podem não dizer nada, o silêncio pode trazer muitos significados. É justamente nesse ponto que se dá o encontro entre literatura e jornalismo, quando este “toma consciência da carne e do silêncio das palavras” (p. 47).

#### 1.4. JORNALISMO HUMANIZADO

Segundo a jornalista, pesquisadora da humanização no jornalismo e professora de Comunicação Social Cremilda Medina (IJUIM, 2017), o método científico positivista inspirou o trabalho jornalístico, principalmente no rigor com o qual é realizado o processo de apuração e checagem de dados nas salas de redação.

Nesse sentido, para Medina (apud SILVA, 2010), a humanização das práticas jornalísticas engloba a legibilidade, a identificação com anônimos e histórias de vida



no jornalismo, exemplificando a informação por meio dos “heróis do cotidiano”. Para ela, assim é possível fazer com que o universo social esteja presente na notícia, uma vez que a matéria-prima do jornalista são as pessoas, com sua inevitável diversidade.

Sobre a forma como muitas vezes as diversas áreas do conhecimento desprezam os valores humanos, Freire (1983 apud IJUIM, 2017) defende o compromisso dos profissionais com a sociedade, o qual requer humanizar e ser humanizado. Nessa linha de raciocínio, caso ignore esse processo, o jornalista ignora também a complexidade dos fenômenos a serem investigados.

Desse modo, o profissional precisa encontrar, no diálogo com o Humanismo Universalista do escritor argentino Mario Cobos (PULEDDA, 1996 apud IJUIM, 2017), a multiplicidade do mundo, com todas as suas etnias, línguas, costumes, localidades, ideias, crenças e aspirações, tornando-se múltiplo no trabalho e na criatividade.

Assim, ainda segundo Ijuim (2017), o jornalista deve se desprender de preconceitos e estereótipos, com o objetivo de identificar o potencial da história com profundidade, conectando-se com os personagens e fazendo perguntas pertinentes.

Quanto ao diálogo entre fonte e jornalista, é necessário que os repórteres demonstrem respeito por seus entrevistados. Braslauskas e Floresta (2012) afirmam que, por conta da ansiedade em obter informações, muitos jornalistas se esquecem de uma das principais etapas da apuração: ouvir atentamente o que o entrevistado tem a dizer, com o intuito de relatar sua história com fidelidade na peça jornalística.

Ainda segundo Ijuim (2017), humanizar o jornalismo é também evitar compreender a pauta por um pensamento disjuntivo e reducionista, ignorando as questões profundas que rondam a situação. Em outras palavras, quando o jornalista não apura ou checa todas as informações e acaba “coisificando” o fato ou fenômeno.

Isso acontece por conta de vícios presentes na sociedade, muitas vezes refletidos na imprensa. Nesse contexto, Ijuim (2014) explica que alguns desses padrões são a “crença nas verdades absolutas; sede de poder; intolerância; recusa e ignorância pela cultura do outro; desrespeito ao diferente e às diferenças” (p. 6).

Ijuim (2017) afirma que, no jornalismo humanizado, não se trata de apenas falar com especialistas. É necessário fundamentar e contextualizar dados e informações científicas com histórias reais. Quanto a isso, segundo Braslauskas e Floresta (2012),

é primordial que o jornalista compreenda a diversidade do público, construindo uma narrativa que facilite o entendimento de todos esses indivíduos.

## **2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA**

### **2.1. PRÉ-PRODUÇÃO**

Sempre tive muito interesse pelos assuntos que envolvem a maternidade e o tão discutido amor incondicional sentido pelas mães. Essa temática já rendeu muitos livros, filmes e novelas, geralmente colocando a mulher como mártir, como se já fosse totalmente esperado que ela aceitasse cometer qualquer ato em prol dos filhos.

Nos últimos tempos, percebi que esse assunto é cada vez mais problematizado. Ainda no início do 6º semestre, quando deveria escolher o tema do Trabalho de Conclusão de Curso, assisti a uma série televisiva nacional chamada *Os Homens são de Marte e é pra lá que eu vou* (Susana Garcia), em que a protagonista Fernanda, interpretada por Mônica Martelli, precisou lidar com a autocobrança que a fazia buscar ser a mãe considerada perfeita o tempo todo.

A discussão levantada pela história me fez pesquisar mais sobre as pressões diárias que sofrem as mães. Assim, encontrei outras problematizações relacionadas ao universo materno, como as mães arrependidas e as mulheres que enfrentavam julgamentos e preconceitos por simplesmente não desejarem a maternidade. Pesquisar sobre o assunto me fez compreender a importância de ouvi-las de mente aberta, considerando todo o esforço da sociedade para abafar o assunto.

A escolha de abordar o tema em um livro-reportagem deu-se por conta de minha aptidão pela escrita. Além disso, essa era uma forma de trabalhar as histórias das personagens com total sigilo e, ao mesmo tempo, com a riqueza de detalhes que o jornalismo literário permite. Inicialmente, minha intenção era abordar três perfis: mães arrependidas, mães que sofrem com as pressões, mas não necessariamente se arrependem da maternidade, e mulheres que não desejam ter filhos, visando mostrar as diferentes manifestações e consequências da maternidade compulsória.

### **2.2. PRODUÇÃO**

Minha busca por fontes aconteceu por meio de redes sociais, em espaços

onde as mulheres se sentem à vontade para desabafar sobre o cotidiano materno, assim como grupos em que os membros trocam informações sobre a esterilização voluntária. A única exceção foi a entrevistada Karla Tenório, cujo contato foi feito por meio de assessoria de imprensa após assistir ao espetáculo *Mãe Arrependida*.

Comecei a conversar com as possíveis fontes ainda no 6º semestre, em busca de entrevistadas para minha grande reportagem sobre o mesmo tema. Dessa forma, quando comecei a desenvolver o livro, já havia começado a entrevistar três das personagens, com as quais meu objetivo foi obter mais detalhes de suas histórias.

Como afirmado em “Pré-produção”, a intenção era entrevistar mães que enfrentam dificuldades, mas não se arrependem da maternidade, mães arrependidas e mulheres que desejam fazer a laqueadura, porém enfrentam empecilhos no caminho. No entanto, durante a produção do livro, optei por reduzir a apuração aos dois últimos perfis citados, pois assim poderia me aprofundar melhor em cada relato.

Infelizmente, não foi possível realizar nenhum encontro presencial com as entrevistadas por conta da pandemia. Porém, o fato de as entrevistas serem feitas online permitiu conversar com mulheres localizadas nas regiões Norte, Nordeste e Sudeste. As conversas aconteceram por Messenger e WhatsApp, permitindo que as personagens utilizassem textos, áudios e imagens para responder às perguntas, além de compartilhar momentos de seu dia a dia que ajudaram na ambientação.

Quanto a isso, a personagem Débora foi quem mais me enviou material, como fotos suas de antes e depois da maternidade, prints de discussões com o marido pelo WhatsApp e de desabafos com uma sobrinha. Além disso, também enviava constantemente registros da casa suja e desorganizada pouco tempo depois de tê-la arrumado, assim como vídeos e áudios de seu filho chorando e gritando.

A entrevistada Mara também forneceu algumas fotos suas de antes e depois da maternidade. Maria, por sua vez, sempre enviava links de reportagens sobre acontecimentos dentro e fora do Amazonas – seu estado natal – relacionados à maternidade compulsória, envolvendo, por exemplo, violência obstétrica e orfandade, assim como pesquisas abordando essas e outras questões.

Os aplicativos de mensagem instantânea foram essenciais para manter o

contato com as entrevistadas, as quais, por diversos motivos, como filhos pequenos, rotinas agitadas, internet de baixa qualidade, falta de privacidade em casa e até mesmo dificuldade em conciliar horários, não puderam realizar videochamadas.

Após o período de apuração, com a ajuda de minha orientadora, comecei a pensar em uma organização de capítulos original, fugindo do tradicional “um capítulo por personagem”. Assim, foi definido que as mães arrependidas, donas das histórias mais complexas, teriam três capítulos divididos em partes, se alternando entre si.

Dessa forma, foi possível me aprofundar nos relatos e manter a curiosidade do leitor. Afinal, foram utilizados ganchos entre os blocos das entrevistadas, relacionando-os e buscando finalizá-los em momentos emblemáticos das histórias.

Utilizei o mesmo recurso no capítulo das mulheres que desejam realizar a cirurgia de ligação de trompas. Como suas histórias podem ser consideradas um pouco mais leves em comparação às demais, optei por finalizar os relatos retomando as histórias das mães arrependidas, com o intuito de evitar a sensação de anticlímax.

Para finalizar a peça, fiz um posfácio em forma de “glossário comentado”, utilizando as entrevistas com as psicólogas. Separando as informações técnicas do desenvolvimento das histórias, busquei evitar interrupções na leitura. Assim, o leitor pode consultá-las para compreender melhor algumas passagens dos capítulos.

*Vielas do Paraíso*, assim como propõe Pena (2017), buscou reconstruir as histórias cena a cena, registrando os diálogos completos de acordo com as informações fornecidas. Também se empenhou em apresentar o máximo de hábitos e gestos, visando ilustrar o drama que vivem as mulheres inseridas no tema.

Ao longo da escrita, optei por focar em detalhes do contexto social em que as personagens estão inseridas. Seguindo o que foi proposto por Magalhães e Pimenta (2018), durante a apuração, tentei abordar os fatos demonstrando cautela com os envolvidos. Além disso, para gerar empatia, foquei em descrever os pensamentos das entrevistadas com a maior riqueza de detalhes possível.

### 2.3. PÓS-PRODUÇÃO

Durante a finalização do texto, procurei por um profissional que pudesse

revisá-lo e outro para ilustrar e diagramar o livro. Por se tratar de um tema inserido no universo feminino, priorizei a contratação de mulheres. Assim, Larissa Zanelato foi responsável pela revisão textual e Luiza Pelorca por toda a parte gráfica da peça.

Foram fornecidos detalhes do trabalho à diagramadora, que apresentou dois caminhos possíveis. Enquanto uma opção explorava o contraste entre preto e branco, com ilustrações sem preenchimento, transmitindo uma impressão mais “sombria”, a outra apostou no preto e em tons mais claros e “vivos”, com desenhos de plantinhas que suavizam as histórias e transmitem a ideia de força, resiliência e até renascimento das personagens. Depois de ouvir opiniões de amigas e de minha orientadora, optei pela segunda proposta, pois, apesar de abordar um assunto muito delicado, “Velas do Paraíso” não trata apenas de tristeza, dor e remorso.

Para a capa, foi utilizado como referência o quadro *Operários* (1933), de Tarsila do Amaral. A ideia é mostrar que as pressões e perspectivas muitas vezes perturbadas sobre a maternidade atingem a todas as mulheres, em maior ou menor grau, haja vista suas diferentes classes sociais, raça e orientação sexual. Mostrando assim que, de certa forma, estão todas “no mesmo barco”.

O título *Velas do Paraíso* faz alusão ao ditado popular “Ser mãe é padecer no paraíso”. O intuito é provocar reflexão sobre as questões escondidas na noção de “paraíso”, principalmente por meio da palavra “velas”, que, de acordo com o *Oxford Languages*, possui como significado “via ou rua estreita; travessa; beco”, ou seja, caminhos alternativos, por vezes também escondidos.

Quanto à parte interna do livro, no espaço de depoimentos redigidos com base na apuração e aprovados pelas personagens, foram feitas ilustrações com algumas características físicas das entrevistadas, de forma “genérica”, visando retratá-las sem comprometer o sigilo de suas identidades.

Optei por iniciar cada capítulo com o desenho de uma cena emblemática relatada por cada personagem. Como explicado em “Produção”, as histórias das três mães arrependidas foram divididas em três capítulos, alternando-se em “subcapítulos”. Assim, foi possível utilizar uma cena de cada mulher. Também foi utilizado esse recurso de abertura no capítulo das mulheres que não desejam a maternidade.

Já em *O que a tempestade não levou*, que retoma as primeiras histórias, a ilustração retrata as três mães arrependidas juntas, pois, metaforicamente, suas trajetórias se cruzam em muitos pontos. O desenho também busca fazer alusão à ideia de que, mesmo de jeitos diferentes, todas estão seguindo em frente.

Ainda em relação aos capítulos, para que houvesse alternância de personagens sem que o leitor se perdesse na leitura, foi criado um elemento que remete à história de cada mulher. Dessa forma, os subcapítulos são introduzidos a partir do nome da entrevistada e uma pequena ilustração correspondente, incluindo teste de gravidez, máscaras de feliz e triste do teatro, pássaro, livro e caderno.

Para finalizar, no posfácio, optei por incluir algumas ilustrações que retratam as questões psicológicas explicadas pelas profissionais, com o objetivo de facilitar a compreensão do leitor e transmitir melhor o drama vivenciado.

Foram obtidas autorizações de imagem de todas as personagens do livro, a maioria por meio de áudio. O material não se encontra neste relatório como forma de preservar a identidade das fontes, mas estão disponíveis para consulta.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante a apuração de *Vielas do Paraíso*, percebi que, caso o jornalista queira cumprir seu papel de dar voz às pessoas silenciadas pela sociedade, é necessário se dispor a passar por um processo de desconstrução de padrões e preconceitos. Assim, estaremos mais preparados para buscar o diálogo. No meu caso, a habilidade de me conectar com o sofrimento do outro e ouvir suas experiências com a mente aberta foi essencial para lidar com mulheres que assistem às suas dores serem diariamente minimizadas.

Ao longo do curso de Jornalismo, espera-se que o estudante adquira diversas habilidades úteis, como escrita, senso estético, fotografia, audiovisual etc. Para isso, são sugeridas atividades práticas, que se assemelham muito ao mercado profissional. Durante a confecção desses trabalhos, é comum que surjam dúvidas quanto às atitudes que o jornalista deve tomar frente aos dilemas éticos.

Pensando nessa questão, são organizados debates em sala de aula como forma de nos preparar para tais conflitos, o que, em minha opinião, é provavelmente

a parte mais importante da graduação. Afinal, em diversos casos, a principal conclusão fruto das discussões se resume à tão famosa “empatia”.

É uma grande responsabilidade contar a história de alguém, principalmente quando se é uma pessoa emotiva e precisa se lembrar o tempo inteiro da importância do distanciamento profissional. Desse modo, as aulas que abordaram a ética jornalística durante a faculdade foram primordiais à produção de meu TCC, pois frisaram a questão da transparência com a fonte e o leitor, além da necessidade de evitar emitir opiniões ao longo da conversa. Um verdadeiro desafio, levando em conta a frequência do contato e a conseqüente proximidade.

Nesse sentido, também foi essencial a disciplina de “Grande Reportagem”. Por meio dos trabalhos propostos, aprimorei minha escrita, pois aprendi a desenvolver melhor detalhes e descrições. Esses ensinamentos fizeram com que eu trabalhasse a questão da “escrita viciada”, padronizada e formal. Foi uma oportunidade de voltar ao texto mais emotivo, algo que me atraía muito no início da adolescência e me fez realmente me apaixonar por escrever. Como no semestre seguinte comecei de fato a produção do livro, essas lições ainda eram recentes, proporcionando mais facilidade para confeccioná-lo.

Um de meus maiores desafios durante a faculdade foi a disciplina de “Editoração e Design da Notícia”. Essa matéria foi uma completa novidade em minha vida acadêmica. Além disso, diferente de algumas pessoas da classe, eu não me considero alguém com aptidão em design. Na época, pensei que meu contato com esse conhecimento não se estenderia tanto. Porém, durante o TCC, vi que as lições de Editoração foram muito importantes para que eu conseguisse explicar minimamente algumas ideias para a diagramadora e, assim, garantisse um projeto gráfico condizente com a mensagem a ser transmitida.

Sempre tive vontade de escrever um livro e acredito que a faculdade me proporcionou os meios para finalmente ter coragem de fazer isso. Aprendi que, para produzir um livro-reportagem, é necessário estar atento às discussões em nosso entorno e não ter medo de abordar assuntos delicados com profundidade.

Dessa forma, acredito que o melhor recurso proporcionado pelos quatro anos de ensino superior foi o desenvolvimento do “faro jornalístico”. Afinal, por conta

dessa habilidade, percebi uma crescente discussão em torno da maternidade. Esse debate se fez muito presente nos mais diversos veículos de comunicação durante a produção de *Vielas do Paraíso*. Assim, além de ver que um assunto caro para mim está ganhando a devida importância na mídia, me senti segura em relação ao tema, pois tal repercussão foi como uma confirmação de sua relevância jornalística.

Neste livro, busquei colocar em prática todos os ensinamentos que adquiri durante minha formação, incitar a discussão sobre um assunto necessário e mostrar um pouco de minha personalidade. Afinal, o tema, a abordagem, o design e até mesmo a escolha de palavras dizem muito sobre o autor, uma vez que, ao realizarmos um trabalho com dedicação, é inevitável deixarmos nossa marca.

Quanto à pergunta-problema que norteou este trabalho, após todos os ensinamentos colocados em prática em *Vielas do Paraíso* e o contexto em que a peça foi desenvolvida, compreende-se que a informação desmitifica as idealizações da maternidade e conscientiza as pessoas sobre a questão.

Nesse sentido, acredito que meu estilo jornalístico está registrado no esforço para transmitir os sentimentos das personagens. O principal intuito foi mostrar como a realidade é complexa e, ao contrário do que muitas vezes prega a sociedade, não deve ser resumida em “certo” e “errado” ou mesmo “amor” e “indiferença”.

No geral, o resultado do livro foi exatamente o que eu esperava no início de sua produção. A confiança mútua permitiu desenvolver o texto com cenas emblemáticas, a partir de detalhes fornecidos naturalmente pelas personagens. *Vielas do Paraíso* foi meu maior desafio jornalístico até hoje e espero ter conseguido utilizar a informação a favor da desconstrução de preconceitos.

Em minha concepção, este trabalho vai muito além de um passaporte para a formatura. Ele é a confirmação de que estou disposta a utilizar todo o conhecimento aprendido no curso a favor da sociedade. Desse modo, meu intuito é iniciar uma carreira de escritora, comercializando o produto de forma independente, provavelmente em parceria com pequenas editoras. O resultado de *Vielas do Paraíso* me deixou muito mais segura quanto a seguir esse caminho profissional e, por isso, serei sempre muito grata.



## REFERÊNCIAS

- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 268 p. Tradução de Waltensir Dutra. Disponível em: [http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20\(pdf\)%20\(rev\).pdf](http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20(pdf)%20(rev).pdf). Acesso em: 21 ago. 2020.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: a experiência vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967. 500 p. Tradução de Sérgio Milliet. Disponível em: <http://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/autores/Beauvoir,%20Simone%20de/O%20Segundo%20Sexo%20-%20II.pdf>. Acesso em: 07 set. 2020.
- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017. N.P. Versão para Kindle.
- CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (org.). **Uma mulher morre a cada 2 dias por aborto inseguro, diz Ministério da Saúde**. 2018. Disponível em: [http://www.cofen.gov.br/uma-mulher-morre-a-cada-2-dias-por-causa-do-aborto-inseguro-diz-ministerio-da-saude\\_64714.html](http://www.cofen.gov.br/uma-mulher-morre-a-cada-2-dias-por-causa-do-aborto-inseguro-diz-ministerio-da-saude_64714.html). Acesso em: 18 set. 2021.
- COUTO, Andréia Terzariol. **Livro-reportagem**: guia prático para profissionais e estudantes de jornalismo. Campinas: Alínea, 2017. 151 p. Versão para Kindle.
- DONATH, Orna. **Mães Arrependidas**: uma outra visão da maternidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. 252 p. Tradução de Marina Vargas. Versão para Kindle.
- IJUIM, Jorge Kanehide. **Humanização e desumanização no jornalismo**: algumas saídas. 2014. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/ijuim-jorge-2014-humanizacao-desumanizacao-jornalismo.pdf>. Acesso em: 03 out. 2020.
- IJUIM, Jorge Kanehide. Por que humanizar o jornalismo (?). **Verso e Reverso**, [S.L.], v. 31, n. 78, p. 236-243, dez. 2017. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. <http://dx.doi.org/10.4013/ver.2017.31.78.07>. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2017.31.78.07>. Acesso em: 03 out. 2020.
- KOSHIYAMA, Alice Mitika. A imposição da maternidade para as mulheres na história e nos meios de comunicação. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11., 2017, Florianópolis. **Anais 13th Women's Worlds Congress**. Florianópolis: Ufsc, 2017. p. 1-10. Disponível em: [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499549438\\_ARQUIVO\\_17\\_13WW\\_11fazgen\\_Textocompleto\\_ComnSimposio\\_A.MKOSHIYAMA.doc1.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499549438_ARQUIVO_17_13WW_11fazgen_Textocompleto_ComnSimposio_A.MKOSHIYAMA.doc1.pdf). Acesso em: 23 ago. 2020.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. Barueri: Manole, 2009. 486 p. Versão para Kindle.
- MAGALHÃES, Mirian; PIMENTA, Nathália. **Jornalismo literário e as narrativas dos dramas reais**. Curitiba: Appris, 2018. 67 p. Versão para Kindle.
- MEDEL, Manuel Ángel Vázquez. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). **Jornalismo e Literatura**: a sedução da palavra. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005. Cap. 2. p. 15-28.

- MERUANE, Lina. **Contra os filhos**: uma diatribe. São Paulo: Todavia, 2018. 176 p. Tradução de Paloma Vidal. Versão para Kindle.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017. N.P. Versão para Kindle.
- PRADO, Magaly (org.). **Técnicas de reportagem e entrevista**: roteiro para uma boa apuração. São Paulo: Saraiva, 2009. 182 p. Versão para Kindle.
- SANTOS, Cila. **Desenhando a maternidade compulsória**. 2017. Disponível em: <https://militanciamaterna.com.br/desenhando-a-maternidade-compuls%C3%B3ria-a8c95e486d5b>. Acesso em: 21 ago. 2020.
- SCLIAR, Moacyr. Jornalismo e literatura: a fértil convivência. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). **Jornalismo e Literatura**: a sedução da palavra. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005. Cap. 1. p. 13-14.
- SILVA, Amanda Tenorio Pontes da. A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [S.L.], v. 7, n. 2, p. 403-412, 2 out. 2010. Semestral. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2010v7n2p403>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2010v7n2p403/14470>. Acesso em: 16 out. 2021.
- SILVA, Juremir Machado da. O que escrever quer calar? Literatura e jornalismo. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). **Jornalismo e Literatura**: a sedução da palavra. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005. Cap. 4. p. 47-52.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005. 224 p.

## APÊNDICES

### Apêndice I – Autorizações de uso de imagem

Comprovante de Assinatura Eletrônica
 **contraktor**

Datas e horários baseados no fuso horário (GMT -3:00) em Brasília, Brasil

**Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)**

Certificado de assinatura gerado em 14/04/2021 às 18:26:08 (GMT -3:00)

MODELO\_DE\_TERMOS\_DE\_AUTORIZAÇÃO\_DE\_USO\_DE\_IMAGEM.docx

ID única do documento: #a63d83d8-4d9d-4171-be1d-3a0641ec6993

Hash do documento original (SHA256): f0a98d3d4c9a23a5c6d539e93a6726b95e73a4a36aa9960476a358a9f9f0f

Este Log é exclusivo ao documento número #a63d83d8-4d9d-4171-be1d-3a0641ec6993 e deve ser considerado parte do mesmo, com os efeitos prescritos nos Termos de Uso.

---

#### Assinaturas (1)

- ✓
**Carolina Luz de Souza (Participante)**  
 Assinou em 14/04/2021 às 18:27:45 (GMT -3:00)

---

#### Histórico completo

Data e hora	Evento
14/04/2021 às 18:27:45 (GMT -3:00)	Carolina Luz de Souza (Autenticação: e-mail carolinaluz.psicologa@gmail.com; IP: 201.82.32.103) assinou. Autenticidade deste documento poderá ser verificada em <a href="https://verificador.contraktor.com.br">https://verificador.contraktor.com.br</a> . Assinatura com validade jurídica conforme MP 2.200-2/01, Art. 10º, §2.
14/04/2021 às 18:26:09 (GMT -3:00)	Carolina Luz de Souza solicitou as assinaturas.
14/04/2021 às 18:27:45 (GMT -3:00)	Documento assinado por todos os participantes.

## MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, CARLA SABRINA PAULO , portador da Cédula de Identidade nº 34.310.950-5, inscrito no CPF sob nº 349.820.208-17, residente à Rua Sta Aurea, 10 – São Paulo Capital, AUTORIZO o uso de minha imagem, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho "Velas do Paraíso: livro-reportagem sobre Maternidade Compulsória".

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

São Paulo, 01 de setembro de 2021.



---

Assinatura